

## PROJETO DE CÉLIA GOUVÊA LEVA BOLSA GUGGENHEIM \*

Erika Palomino

A coreógrafa e bailarina paulista Célia Gouvêa, 41 é uma das ganhadoras das bolsas que a Fundação Guggenheim, dos Estados Unidos, fornece anualmente para pesquisa artística e científica internacional. O valor total do benefício é US\$ 28 mil (Cr\$ 9,1 milhões, ao câmbio paralelo), mas deverá sofrer um imposto sobre a emissão desse dinheiro para fora dos EUA (no máximo, 30% de taxaço).

No ano passado, foram beneficiados com a bolsa Guggenheim o compositor Lívio Tragtenberg, o fotógrafo e antropólogo Vicent Robert Carelli e a artista plástica Regina Silveira.

O projeto de Célia Gouvêa tem como finalidade pesquisar a linguagem gestual do musical brasileiro, levando em consideração a influência negra. Segundo a coreógrafa, nos Estados Unidos a presença negra originou manifestações como o jazz e o sapateado, que desembocaram em musicais de caráter bastante desenvolvido.

Já no Brasil, o ritmo, o movimento e a música trazem a marca do elemento negro, mas o musical em sua tonalidade é pobre. “É só ver as chanchadas e o teatro de revista”, diz, “em que a coreografia é a parte mais fraca”.

Esse projeto é a continuação das pesquisas da coreógrafa em direção à cultura popular brasileira. “Não se trata de ir atrás de uma ‘dança brasileira’, mas a busca da unidade perdida”, explica. Para Célia Gouvêa, a excessiva fragmentação da vida moderna levou à perda da identidade. A saída seria então a volta aos arquétipos, ao que é instintivo e irracional, encontráveis em sociedades “menos letradas”, segundo a coreógrafa. Mas ela resalta que não é apenas um olhar ao passado: “A construção do movimento deve fundir o arcaico e o moderno”.

Foi essa trajetória [leia o texto ao lado] e o novo projeto que levaram a Fundação Guggenheim a conceder a bolsa. O material foi enviado à Nova York no início do ano. Três pessoas foram indicadas pela coreógrafa para fazer a apreciação: os coreógrafos franceses Maurice Béjart e Maguy Marin, e a brasileira Ilka Zanutto, da fundação Vitae.

Célia Gouvêa está embarcando hoje para Portugal, onde passa um mês montando um espetáculo para o Conservatório Superior de Dança de Lisboa. Depois segue para a França, Bélgica e Alemanha. De lá vai para os Estados Unidos, onde já começa a usufruir da bolsa Guggenheim.

\* In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 4, 14 jun. 1991 . Caderno Ilustrada.

## **“DANÇA AQUI É UM MASOQUISMO”**

Célia Gouvêa teve sua formação artística na Mudra, escola do coreógrafo Maurice Béjart na Bélgica, dedicada a capacitar o artista em todas as modalidades de expressões cênicas. Chegou em 1970 e formou-se três anos depois. A partir de 72 participou de uma importante experiência da dança na Europa, o grupo Chandra, que formou junto com Maguy Marin (que veio com sua companhia ao Brasil em 90).

Ainda nos anos 70 protagonizou balés de Béjart e dançou em Nova York com Murray Louis e Alwin Nikolais. Voltou ao Brasil em 1974, com o objetivo de fundar um núcleo de dança contemporânea que nunca se concretizou, apesar de já ter montado 21 espetáculos.

“A dança no Brasil exige um grau de masoquismo inacreditável”, diz. “Antes de pensar em como fazer para pagar as contas em casa a gente vai para a sala de aula trabalhar. O que falta é um apoio do governo, ao menos um teatro equipado. O Sérgio Cardoso, por exemplo, não tem nem aparelhagem de som”.